

Lençol

“Tudo quanto penso, / Tudo quanto sou / É um deserto imenso / Onde nem eu estou”
Sem título (18/03/1935), Fernando Pessoa

10

Tento me encontrar em meu quarto. Minha mãe sempre sabia onde estavam as coisas. É uma tarefa que beira ao absurdo. Afinal, como alguém pode se perder em seu próprio quarto, em seu próprio umbigo? Já faz um bom tempo que isso vem acontecendo. Simplesmente, comecei a desaparecer. Foi aos poucos. Ninguém percebeu. Primeiro, foi apenas o olhar. Deixei de ver as pessoas – e acho que elas também deixaram de me ver. Depois, foram os dedos. Aos poucos, percebi que nada mais me tocava e nada mais eu tocava. O tato foi sumindo, naturalmente. Não me comovia mais o macio dos lençóis, lavados à mão pela minha mãe. Claro que esse “lavado à mão” é só uma licença poética. Há muito, ela foi substituída por uma máquina de lavar. Deixou comigo a lembrança de lençóis macios. Lembro-me dela no tanque. Ela não batia os lençóis. Acariciava-os com o amaciante da alma. Depois, me chamava, eu pequenino ainda.

— Filho (eu era pequeno, mas ela sabia me engrandecer), venha cá ajudar a mãe!

Eu ia.

Ela segurava uma ponta e eu a outra. Nos ligávamos. Então, ela começava a torcer, devagarinho. E eu, tentando segurar a outra ponta. A água ia escorrendo, como se o rio que corria naquele leito desfeito lhe fugisse das mãos, como se as lágrimas pela ausência do meu pai se dirigissem como córrego buscando o grande rio, que buscaria o mar, onde meu pai se afogou.

— Força agora, hein, filho!

E o lençol ia ficando cada vez mais torcido e cada vez era mais difícil segurá-lo entre as minhas mãozinhas.

— Força, filho! Segura! Não solta, hein!

E eu segurava, tentava segurar o máximo possível. E me sentia forte, porque se minha mãe conseguia torcer todas aquelas lágrimas, porque eu não conseguiria?

Ao final daquele cabo de paz, ela buscava a outra ponta em minhas mãos. E me abraçava.

Depois, estendia o lençol de tal forma que ela parecia que estava preparando o leito para o vento se deitar. E o vento se deitava, devagarinho. E até o sol dormia naquele lençol, que levava toda a maciez das mãos de minha mãe, deixando-lhe apenas com os ríspidos calos.

Enfim, recebi a notícia de que os meus lençóis nunca mais teriam essa maciez. Foi assim que eu passei a desaparecer. Como disse, eu havia perdido primeiro o meu olhar. Já fazia um bom tempo que meus olhos não se encontravam com os da minha mãe, até que perdi o olhar de vez. Depois é que veio a consciência de que os meus lençóis nunca mais seriam macios. E fui desaparecendo. Penso em minha mãe. E não sei quando foi que eu larguei a ponta do lençol, este cordão umbilical que deveríamos manter por toda a vida, mas que, ao contrário do primeiro, cortamos sem qualquer necessidade. Apenas cortamos. E o corte nunca mais cicatriza.